

A SEMANA – 170

John Gledson

No início da sua crônica semanal, “Às quintas-feiras”, Lulu Sênior (o pseudônimo mais frequente de Ferreira de Araújo, o dono da *Gazeta*) citou o telegrama que Machado menciona, sobre o missionário inglês antropófago. Em nota cito um pouco do que diz, trecho em parte humorístico, em parte com uma mensagem anti-imperialista.

A reação de Machado é bem diferente, também humorística até certo ponto, mas no meio da crônica, inesperadamente, parte para umas lembranças bem téticas (e brasileiras): o que choca quase tanto quanto a história que conta, é o evidente interesse do cronista nesses acontecimentos. Podemos imaginar a cara dos leitores e leitoras, acostumados às amenidades mais ou menos irônicas ou sarcásticas da sua crônica dominical. Machado evidentemente guardou o recorte do jornal mineiro de dezembro de 1890, em que essa parte da crônica se baseia. Mas, do começo ao fim, não é tanto a selvageria dos criminosos que lhe interessa: é a civilização que pode abrigá-los no seu seio. A “Lynch law” do sul dos Estados Unidos é outro exemplo, ou, noutra nível, os desmandos do Encilhamento, “o ano terrível (1890-91) em que se perdeu e ganhou tanto dinheiro que não pude ler mais nada”. Assistimos não ao progresso inevitável (“a nobre missão do progresso e da cultura”), mas aos “primeiros sinais de um terrível e próximo retrocesso”?

Esta crônica consta da antologia de Mário de Alencar, p. 247-251.



A SEMANA

1º de setembro de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Aquilo que Lulu Sênior disse anteontem a respeito do professor inglês que enforcaram em Guiné trouxe naturalmente a cor alegre que ele empresta a todos os assuntos.¹ As pessoas que não leem telegramas não viram a notícia; ele, que os lê, fez da execução do inglês e dos autores do ato uma bonita caçoadá. Nada há, entretanto, mais temeroso nem mais lúgubre.

Não falo do enforcamento, ordenado pelas autoridades indígenas. Eu, se fosse autoridade de Guiné, também condenaria o professor inglês, não por ser inglês, mas por ser professor. Enforcaram o homem, e não há de ser a simples notícia de um enforcado que faça perder o sono nem o apetite. A descrição do ato faria arrepiar as carnes, mas os telegramas não descrevem nada, e o professor foi pendurado fora da nossa vista. Nem mais teremos aqui tal espetáculo; o desuso, e por fim a lei acabaram com a força para sempre, salvo se a lei de Lynch² entrar nos nossos costumes; mas não me parece que entre.

Quanto ao crime que levou o professor inglês ao cadafalso africano, não é ainda o que mais me entristece e abate. Dizem que comeu algumas crianças. Compreendo que o matassem por isso. É um crime hediondo, naturalmente; mas há outros crimes tão hediondos, que, ainda afligindo a minh'alma, não me deixam prostrado e quase sem vida. Demais, pode ser que o professor quisesse explicar aos ouvintes o que era canibalismo, cientificamente falando. Pegou de um pequeno e comeu-o. Os ouvintes,

¹ A história do missionário inglês ocupa a primeira parte da crônica “Às quintas”, de Lulu Sênior (Ferreira de Araújo), que apareceu no dia 29 de agosto (p. 1, ao pé da página). A substância do que diz é um ataque ao imperialismo britânico: “[os britânicos] vão é vender miçanga e peças de chita, e apanhar ouro e brilhantes, obrigando ainda o negro a trabalhar para eles. O missionário, não, esse é um desinteressado, que vai ensinar o preto a ir para o céu. No caso deste missionário inglês, não se lhe pode gabar a escolha do caminho, mas como todos vão ter a Roma, no fim dá certo.” Mas, conclui: “E daí pode bem ser que seja história de telégrafo, a do missionário que come crianças. Não ver que houve erro de interpretação, e que os pequenos que o padre comeu estão todos vivos e são.”

² A “Lynch law”, que surgiu no sul dos Estados Unidos após a Guerra Civil, foi “lei” num sentido extrajudicial – os brancos enforcavam e às vezes queimavam negros, para manter o estado de subjugação dos ex-escravos.

sem saber onde ficava a diferença entre o canibalismo científico e o vulgar, pediram explicações; o professor comeu outro pequeno. Não sendo provável que os espíritos de Guiné tenham a compreensão fácil de um Aristóteles, continuaram a não entender, e o professor continuou a devorar meninos. É o que em pedagogia se chama “lição das coisas”.³

Se assim fosse, deveríamos antes lastimar o sacrifício que fez tal homem, comendo o semelhante, para o fim de ensinar e civilizar gentes incultas. Mas seria isso? Foi o amor ao ensino, a dedicação à ciência, a nobre missão do progresso e da cultura? Ou estaremos vendo os primeiros sinais de um terrível e próximo retrocesso? Vou explicar-me.

Em 1890, foi descoberto e processado em Minas Gerais um antropófago.⁴ Um só já era demais; mas o processo revelou outros, sendo o maior de todos o réu Clemente,

³ O ensino “pelas coisas e não pelas palavras” foi muito difundido no fim do século XIX – em 1886 Rui Barbosa traduziu um dos manuais mais populares, as *Primeiras lições de coisas*, do americano Norman Allison Calkins.

⁴ Esta notícia apareceu no diário *A Ordem*, de Ouro Preto, em 31 de dezembro de 1890, e foi copiado n’*O Pharol*, de Juiz de Fora, no dia 2 de janeiro de 1891. Parece que foi num desses jornais que Machado a leu, pois não a encontrei nos jornais do Rio de Janeiro. A citação é um pouco longa, mas é interessante comparar o “original” com a crônica, para ver os ajustes que Machado fez (entre outros, errou [ou inventou?] o nome da mãe dos dois meninos comidos, que denomina Manuela):

“**Cenas de canibalismo.** – Do digno juiz municipal de Grão-Mogol, Dr. Belisário da Cunha Melo, recebemos a seguinte horrível comunicação:

‘Um fato extraordinário leva-me hoje à sua presença. Tenho em mãos o processo de um antropófago! No termo de Salinas (sujeito à minha jurisdição), Clemente de tal matou e comeu seis pessoas: – dois homens, duas mulheres e duas crianças foram vítimas deste monstro!... Clemente tinha um companheiro, Basílio de tal, que ajudava-o em suas medonhas e incríveis atrocidades: foi esta a sua última vítima, sendo também morto e comido por ele!

Na ocasião da prisão de Clemente, foi este encontrado preparando a carne de Basílio, em sua casa foram achados braços, pernas e crânios das outras vítimas deste canibal.’

Relativamente a tão monstruosos fatos, que fazem estremecer de horror, damos abaixo, em sua íntegra, o auto de perguntas feito ao monstro. É documento deficientíssimo para se conhecer o estado mental do miserável, mas suficiente para autenticar a triste realidade de fatos tão horripilantes.

Eis o auto:

(*Cópia*). – Auto de perguntas ao detido Clemente, filho de Josefa. – Aos dois dias do mês de dezembro, do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e noventa, nesta cidade de Santo Antônio de Salinas, em casas da residência do cidadão capitão Aureliano Caldeira Brant, delegado de polícia em exercício, aí presente o detido Clemente, filho de Josefa, comigo escrivão da delegacia, o juiz fez ao referido Clemente as perguntas seguintes: Qual o seu nome, filiação, idade, estado, profissão ou modo de vida e naturalidade? Respondeu chamar-se Clemente, filho natural de Josefa de tal, de vinte e dois anos de idade, solteiro, lavrador e natural desta freguesia. Perguntado se era exato que ele respondente tinha assassinado algumas pessoas para comer? Qual o número de pessoas que assassinou? Os nomes destas e em que época praticou estes assassinatos? Respondeu que era exato, e é, ter ele assassinado a seis pessoas para comê-las. Que há dois meses mais ou menos matou a Maria de tal, a qual, estando dormindo nas margens [do] Jundiá, esmagou-lhe o crânio com uma pedrada e no mesmo lugar fez fogo, assou o cadáver e comeu, de companhia com uma mulher de nome Francisca, que o ajudou a comer a carne de Maria; duas semanas depois ele respondente matou a sua companheira Francisca à mão de pilão e comeu-a, e concluída esta, ele foi à casa da mãe de Francisca e trouxe um filho desta de nome Vicente e estando este dormindo ele matou-o e comeu. Depois deste dia, estando ele respondente em outra casa desabitada naquela vizinhança, aí apareceu um outro irmão de Vicente de nome Elesbão que ele igualmente matou com um cacete e comeu-o; depois ele respondente de companhia

apresentado ao juiz municipal de Grão-Mogol, Dr. Belisário da Cunha e Melo, ao qual estava sujeito o termo de Salinas, onde se deu o caso.⁵

Não era este Clemente nenhum vadio, que preferisse comer um homem a pedir-lhe dez tostões para comer outra coisa. Era lavrador, tinha vinte e dois anos de idade. Confessou perante o subdelegado haver matado e comido seis pessoas, dois homens, duas mulheres e duas crianças. Não tenham pena de todos os comidos. Um deles, a moça Francisca, antes de ser comida por ele, com quem vivia maritalmente, ajudou-o a matar e a comer outra moça, de nome Maria. Outro comido, um tal Basílio, foi com ele à casa de Fuão Simplício, onde pernотaram; e estando o dono a dormir, os dois hóspedes com uma mão de pilão o mataram, assaram e comeram. Mas tempos depois, um sábado, 29 de novembro de 1890, levado de saudades, matou o companheiro Basílio, e estava a comer-lhe as coxas, tendo já dado cabo da parte superior do corpo, quando foi preso. Os dois meninos, comidos antes, chamavam-se Vicente e Elesbão, e eram irmãos de Francisca, filhos de Manuela. Por que escapou Manuela? Talvez por não ser moça. Oh! mocidade! Oh! flor das flores! A mesma antropofagia te prefere e busca. Aos velhos basta que os desgostos os comam.

Importa notar que o inventor da antropofagia, no termo de Salinas, não foi Clemente, mas um tal Leandro, filho de Sabininha, e mais a mulher por nome Emiliana. Propriamente foram estes os que mataram um menino, e o levaram para casa, e o esfolaram e assaram; mas, quando se tratou de comê-lo, convidaram amigos, entre eles Clemente, que confessou ter recebido uma parte do defunto. A informação consta do interrogatório. Não tive outras notícias nem sei como acabou o processo. Hão de

com Basílio de tal, dirigiram-se à casa de Simplício com o fim de aí pernотarem, e chegando o dono da casa nesta noite, quando dormia, ele respondente munuiu-se de uma mão de pilão e convidou o seu companheiro Basílio para matarem a Simplício, e de fato ele desfechou em Simplício a mão de pilão e matou-o, concluindo a morte lançaram-no ao fogo e o comeram. Disse mais que no sábado passado (29 de novembro) estando seu companheiro Basílio, à noite, raspando raízes de ananás para comer, ele respondente deu-lhe uma facada no estômago, depois sangrou-o no pescoço e morto assou a parte superior do corpo, depois a inferior, e quando foi preso estava comendo as carnes das coxas de Basílio. Disse mais que, quem deu princípios a comer carne humana, fora Leandro, filho de Sabininha, que, andando neste termo no lugar denominado Córrego Fundo, em procura de jatobá juntamente com sua mulher de nome Emiliana, lá encontrando um menino desconhecido mataram-no e deixaram o morto no lugar, e trazendo para casa um saco de jatobá, aí deixaram e chamaram a Antônio, vulgo Pagão, e foram ao lugar do assassinato trazendo para a casa o morto em varão, esfolaram-no e depois de retalhada a carne e cozida, todos da casa comeram, fazendo ele respondente parte na comida. Mais tarde aparecendo a mãe do menino que eles haviam comido, esta disse que o seu filho chamava-se Manuel, e a mãe de Manuel chama-se Maria e mora no Baixão. E nada mais disse nem lhe foi perguntado, pelo que deu-se por findo o presente auto de perguntas que depois de lhe ser lido e achá-lo conforme, assina-se a seu rogo o cidadão Secundo Avelino Cardoso, por ele não saber ler nem escrever, com o juiz; do que tudo dou fé. Eu, Domingos Pereira de Oliveira, escrivão que o escrevi. – *Aureliano Caldeira Brant. – Secundo Avelino Cardoso.*”

Talvez valha a pena mencionar que, segundo uma notícia de *A Ordem* de 30 de abril de 1891, as cenas de canibalismo continuavam no norte de Minas. Insinua-se que são uma decorrência da fome e da miséria da região.

⁵ Cidades do norte de Minas Gerais, na região de Montes Claros.

lembrar-se que esse foi o ano terrível (1890-91) em que se perdeu e ganhou tanto dinheiro que não pude ler mais nada. Comiam-se aqui também uns aos outros, sem ofensa do código – ao menos no capítulo do assassinato.

A conclusão que tiro do caso de Salinas e do caso de Guiné é que estamos talvez prestes a tornar atrás, cumprindo assim o que diz um filósofo, – não sei se Montaigne, – que nós não fazemos mais que andar à roda.⁶ Há de custar a crer, mas eu quisera que me explicassem os dois casos, a não ser dizendo que tal costume de comer gente é repugnante e bárbaro, além de contrário à religião; palavra de civilizado, que outro civilizado desmentiu agora mesmo em Guiné. Não esqueçam a proposta de Swift, para tornar as crianças irlandesas, que são infinitas, úteis ao bem público. “Afirmou-me um americano, disse ele, meu conhecido de Londres e pessoa capaz, que uma criança de boa saúde e bem nutrida, tendo um ano de idade, é um alimento delicioso, nutritivo e são, quer cozido, quer assado, de forno ou de fogão.”⁷ É escusado replicar-me que Swift quis ser apenas irônico. Os ingleses é que atribuíram essa intenção ao escrito pelo sentimento de repulsa; mas os próprios ingleses acabaram de provar na África a veracidade e (com as restrições devidas à humanidade e à religião) o patriotismo de Swift.

Talvez o deão e o americano se hajam enganado em limitar às crianças de um ano as qualidades de sabor e nutrição. Se tornarmos à antropofagia, é evidente que o uso irá das crianças aos adultos, e pode já fixar-se a idade em que a gente ainda deva ser comida: quarenta a quarenta e cinco anos. Acima desta idade, não creio que as qualidades primitivas se conservem. Como é provável que a atual civilização subsista em grande parte, é naturalíssimo que se façam instituições próprias de criação humana, ou por conta do Estado, ou de acordo com a lei das sociedades anônimas. Penso também que acabará o crime de homicídio, pois que o modo certo de defesa do criminoso será, logo que estripe o seu inimigo ou um rival, ceá-lo com pessoas de polícia.

Horrível, concordo; mas nós não fazemos mais que andar à roda, como dizia o outro... Que me não posso lembrar se foi realmente Montaigne, pois iria daqui pesquisar o livro, para dar o texto na própria e deliciosa língua dele! Os franceses têm um estribilho que se poderá aplicar à vida humana, dado que o seu filósofo tenha razão:

⁶ Esta “citação” já aparecera na crônica de 4 de fevereiro de 1894 (89): “Montaigne é de parecer que não fazemos mais que repisar as mesmas coisas e andar no mesmo círculo”. Não pudemos localizá-la: aqui ficamos sabendo que Machado também não. Talvez seja apócrifa.

⁷ Citação de *Uma proposta modesta para impedir que as crianças dos pobres da Irlanda sejam um fardo para os pais ou para o país, e para fazer com que sejam um benefício ao público*, do grande satírico anglo-irlandês Jonathan Swift (1667-1745), também conhecido como Dean Swift, pois tornou-se deão da catedral (anglicana) de São Patrício, Dublin. Machado tinha na sua biblioteca uma tradução francesa dos *Opuscles humoristiques*, de 1859, além de outras obras do autor em inglês. O original do trecho citado: “I have been assured by a very knowing American of my acquaintance in London, that a young healthy child well nursed is at a year old a most delicious, nourishing and wholesome food, whether stewed, roasted, baked or boiled (...).”

Si cette histoire vous embête,
Nous allons la recommencer.⁸

Os portugueses têm este outro, para facilitar a marcha, quando são dois ou mais que vão andando:

Um, dois, três;
Acerta o passo, Inês,
Outra vez!

Estrilhos são muletas que a gente forte deve dispensar. Quando voltar o costume da antropofagia, não há mais que trocar o “amai-vos uns aos outros”, do Evangelho, por esta doutrina: “Comei-vos uns aos outros.” Bem pensado, são os dois estrilhos da civilização.



⁸ Estrilho paródico da canção francesa “Il était un petit navire”, que Machado cita em várias ocasiões.